

## TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA (TBC)\*

Célia Gouvêa

O Teatro Brasileiro de Comédia foi fundado, em 1948, pelo italiano Franco Zampari (1898-1966), que chegara ao Brasil em 1922, em pleno período da explosão modernista em São Paulo. Zampari aqui se instalou a convite de seu conterrâneo Francisco Matarazzo Sobrinho, para trabalhar em sua metalúrgica.

Após a crise na bolsa de Nova York em 1929, a superprodução do café no Brasil também sofreria os efeitos do crack. No ano seguinte, ocorreu a Revolução de 1930, a partir da qual o processo de industrialização cresceu e muitos empresários italianos, descontentes com a situação política de seu país, imigraram para cá. São Paulo contava então com 600.000 habitantes. O Cine República, na praça de mesmo nome, era um ponto de encontro e o vento modernista trouxera ares de renovação.

Franco Zampari mantinha duas cadeiras cativas no Theatro Municipal de São Paulo, mas estranhava que São Paulo não tivesse uma companhia teatral. O Rio de Janeiro, então capital da República, era o centro artístico-cultural, e lá se apresentavam nomes como Procópio Ferreira, Jaime Costa e Dulcina de Moraes.

Em 1942, Alfredo Mesquita mantinha uma livraria na Rua Jaraguá, com o mesmo nome da rua, e que se transformou num núcleo de reunião de artistas e pessoas ligadas à cultura. Ali se formou o embrião do Grupo de Teatro Experimental, fundado por Alfredo Mesquita, que posteriormente criaria a E.A.D., a Escola de Arte Dramática, depois incorporada à USP. Em 1943 foi fundado o SNT (Serviço Nacional do Teatro), que transformaria o teatro brasileiro. Foi quando se formou o Grupo dos Comediantes, responsável pela revolucionária montagem de *O Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, com direção do polonês Zbigniew Ziembinski.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, São Paulo já era uma metrópole que atraía imigrantes europeus, entre os quais grandes artistas e intelectuais desiludidos.

Em 11 de outubro de 1948, o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) foi inaugurado por Franco Zampari na Rua Major Diogo, num prédio ainda existente nos dias de hoje. A estreia, prestigiada pela elite paulistana, apresentou um espetáculo composto por duas peças: *A Voz Humana*, de Jean Cocteau, representada em francês por Henriette Morineau, e *A Mulher do Próximo*, do brasileiro Abílio Pereira de Almeida, autor que retratava a burguesia paulista de modo irônico.

O primeiro diretor artístico da nova casa de espetáculos foi o italiano Adolfo Celli (1922-1986), que se encontrava então na Argentina e percebeu a possibilidade de dirigir um espaço para novas experimentações no Brasil. Um elenco fixo foi contratado, com nomes como Tônia Carrero, Paulo Autran, Cacilda Becker, Cleyde Yáconis, depois Walmor Chagas e outros. Segundo o crítico Décio de Almeida Prado, a segurança de que esses atores desfrutavam, assegurada pelo empresário Franco Zampari, fazia com que à noite rezassem: "Que Deus nos zampari!".

Entre outros nomes italianos que dirigiram o TBC, muitos eram ligados ao neorealismo proveniente de seu país de origem. Entre eles, Luciano Salce, que introduziu a apresentação de peças experimentais às segundas-feiras, encenando autores como Tennessee

\* Fontes: filme *Franco Zampari*, o Construtor de Sonhos e artigos de imprensa da época.

Willimans; Flaminio Bollini, que trabalhou o método de Stanislavski junto aos atores; e Ruggero Jacobi, que montou a Ronda dos Malandros, baseada na Ópera dos Três Vinténs, da dupla Bertolt Brecht e Kurt Weill. Apesar do sucesso, esta última foi retirada de cartaz por Franco Zampari, por desagradar aos patrocinadores da casa.

Em 1955, o Teatro Nacional da Bélgica fez uma turnê no Brasil, apresentando Barrabas, de Michel de Ghelderode, dirigida por Maurice Vaneau (1926-2007). Convidado por Franco Zampari, Vaneau assumiu a direção geral e artística do TBC, montando “com ritmo, leveza e graça” A Casa de Chá do Luar de Agosto, de John Patrick, sátira sobre a tentativa de se impor o american way of life em ilhas japonesas, após a Segunda Guerra. No ano seguinte, Maurice Vaneau dirigia para o TBC Gata em teto de zinco quente, de Tennessee Williams, que teve como protagonistas Cacilda Becker, Walmor Chagas e Ziembinski. Considerado um trabalhador incansável e possuidor de um espírito inteligente e sensível, Maurice Vaneau, “o belga”, como muitas vezes era chamado – o que, provavelmente, o levou a requerer nos anos 60 a cidadania brasileira, a fim de superar a discriminação –, era igualmente dono de um grande talento administrativo.

Em 1962, depois de uma temporada na Europa, Vaneau voltou à direção-geral do TBC, que atravessava uma fase de crise financeira, incluindo atrasos nos pagamentos. Ele então ordenou um levantamento geral das finanças do teatro. O diretor costumava dizer que, em tempos de crise, ele era sempre lembrado, quando vinham bater à sua porta. Em 1963, dirigiu Os Ossos do Barão, de Jorge Andrade, o maior sucesso de bilheteria daquele teatro, com mais de 120.000 espectadores, o que contribuiu para sanar as finanças da casa de espetáculos. Como administrador do TBC, Maurice Vaneau introduziu várias práticas, como o treinamento físico para os atores.

Durante a encenação de A Casa de Chá do Luar de Agosto, ele próprio ministrou as aulas, denominadas “ginástica rítmica”. Além disso, instalou um painel no saguão do teatro, anunciando todas as peças em cartaz na cidade de São Paulo; organizou apresentações de espetáculos de dança, às segundas-feiras – na época, o único dia de folga das peças em cartaz; estabeleceu a definição de uma linha artística e de um cronograma que definia a montagem anual de peças dramáticas; convidou grandes nomes da literatura, como Jorge Amado, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, entre outros, a escreverem peças dramáticas. A intenção era a de criar um repertório capaz de atingir todas as classes sociais. Além disso, promoveu reuniões periódicas com jornalistas e medidas de segurança, tais como a manutenção do sistema de renovação de ar, a realização de um álbum contendo todas as atividades do TBC, planilhas semanais, afora outras iniciativas.

O rigor estético e o know how dos diretores contribuíram enormemente para o desenvolvimento e a profissionalização do teatro brasileiro. Diretores como Flávio Rangel e Antunes Filho começaram suas carreiras no TBC, como assistentes.

Paralelamente ao TBC, Franco Zampari mantinha também a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Por ser muito dispendiosa, a empresa passou a consumir as receitas do teatro. Aos poucos, a começar por Cacilda Becker, muitos atores deixaram o Teatro Brasileiro de Comédia para formar suas próprias companhias.